

O ASILO, A ESCOLA E A UNIVERSIDADE: A COEDUCAÇÃO E O PROCESSO DE INTERGERACIONALIDADE

Flavio Ribeiro de Oliveira

Universidade Estadual Paulista, UNESP/ASSIS - Brasil fkaoliveira@gmail.com

Camila Cuencas Funari Mendes e Silva

Universidade Estadual Paulista, UNESP/ASSIS - Brasil camila_cfms@hotmail.com

Resumo

O presente texto relata resultados do projeto de pesquisa realizado no ano de 2017 junto a idosos asilados, crianças de uma escola estadual de Assis e alunos de psicologia do 5º ano da UNESP com o objetivo de analisar os discursos dos relatos produzidos pelas crianças em relação aos encontros com os idosos e os estudantes universitários a fim de compreender aspectos intergeracionais e o papel da coeducação. Nesse sentido a pesquisa realizou-se com caráter qualitativo, com relatos produzidos em sala de aula pelas crianças de uma escola estadual de tempo integral localizada na periferia da cidade de Assis – SP, sob a supervisão da Professora Doutora Mariele Rodrigues Correa da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, campus Assis-SP. Os relatos foram elaborados dentro da sala de aula com a ajuda das professoras de português e artes que formularam questionários com respeito à questão do envelhecimento, do contato com os idosos e a universidade, além da avaliação da disciplina resultando numa construção de novas perspectivas em relação ao envelhecimento. A pesquisa revelou-se oportuna para compreender os laços sociais que se formam a partir do encontro entre gerações e permitiu também aprofundar o conhecimento: do asilo, como instituição que propõe-se a amparar e cuidar de idosos; da escola que opera a partir de um novo modelo de tempo integral com disciplinas eletivas com liberdade de escolha pelos alunos e; da universidade, em especial para o curso de psicologia que amplia o conhecimento e a atuação para além da clínica.

Palavras-chave: Envelhecimento. Coeducação. Intergeracionalidade.

Introdução

As últimas pesquisas do Instituto de Pesquisa Econômica e Aplicada (2010) evidenciam o envelhecimento populacional no Brasil apontando que até o ano de 2020, segundo França, Silva e Barreto (2016), teremos uma população com “75 anos, representando 34 milhões de idosos, ou seja, 15% da população” (p. 519) e, acrescenta-se a isso o fato de que, segundo Pasinato & Camaro (2004), há necessidade de implantação de políticas públicas que viabilizem o envelhecimento atrelado a qualidade de vida dos idosos e idosas. Nesse sentido, como não existem políticas públicas que ofereçam propostas de moradia alternativas voltadas para o cuidado dos idosos e idosas, surge como uma opção muitas vezes forçada as Instituições de Longa Permanência de Idosos (ILPI), ou chamadas de asilos, que abrigam desde aqueles e aquelas que não podem mais viver sozinhos até aqueles e aquelas que são abandonados pela família na velhice.

Além do mais, ser velho ou da terceira idade não atinge o total das representações que estes estão submetidos, existem ainda outros marcadores como “melhor idade”, “idosos” “idade madura”, tudo isso, todavia só reforça a questão de que há uma construção social da velhice, conforme observam Borini & Cintra (2002)

As marcas e signos que acompanham cada palavra conferem uma certa identidade a cada "tipo" das pessoas envelhecidas; há com efeito uma construção social da velhice. Ao "velho" são atribuídas as imagens de doença, solidão, inatividade. O termo idoso é utilizado em documentos jurídicos, para efeito de leis e direitos deste grupo da população e para a Terceira Idade são atribuídos signos de saúde e bem estar (p. 569).

As Instituições de Longa Permanência de Idosos têm suas regras de funcionamento que muito se assemelham ao de uma instituição total conforme aponta Goffman (1974), com uma rígida regulação de horários, um controle intenso de entrada e saída de pessoas, uma rotina que privilegia a equipe de trabalho e não os idosos e idosas, uma constante vigilância sobre os idosos e idosas e um amplo processo de assujeitamento. Pontua-se que para a permanência nos asilos é cobrada uma taxa e no caso dos aposentados isso equivale a 70% de seu rendimento e com isso, nota-se que

É preciso ficar muito pouco tempo em um asilo para rever suas impressões iniciais. O cotidiano com o qual nos deparamos está longe de ser, quer a manifestação da suposta experiência da solidão, quer um momento de desprendimento dos valores e angústias, tidos como próprios da vida dos mais jovens. Surpreende, nos asilos, a quantidade de conflitos, brigas e desentendimentos entre os residentes e deles com o pessoal técnico e administrativo (DEBERT: 2004, p. 100).

Assim, para trabalhar a questão do envelhecimento populacional e romper com determinados marcadores sociais da velhice, em especial de idosos e idosas internados em uma Instituição de Longa Permanência de Idosos (ILPI), pensou-se em elaborar uma pesquisa envolvendo os idosos e idosas de uma ILPI, uma escola estadual em regime de tempo integral de uma cidade do interior do Estado de São Paulo com alunos do ensino fundamental de 8º e 9º anos e, por fim, alunos do curso de Psicologia da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), campus de Assis-SP, que participam do núcleo de estudos sobre envelhecimento.

Os alunos da escola estadual dispõem de uma disciplina eletiva extracurricular oferecida para estudar o envelhecimento e interagir com a sociedade. Assim, propusemos esta pesquisa que visa, como objetivo geral, mapear a intergeracionalidade entre os participantes,

sendo que, nesta apresentação, faremos o recorte do papel da coeducação como um fator significativo para contribuir neste processo, tendo em vista que há encontros regulares na forma de visitas aos seguintes ambientes: na Instituição de Longa Permanência de Idosos, na escola da rede pública e na UNESP. Ao proporcionar estes encontros, a coeducação acontece na troca de saberes, na partilha dos sentidos que envolvem os encontros e potencializam os seus participantes, mesmo porque “uma coeducação é algo que se constrói na história como fazer-se, ou seja, supõe gerações em movimento” (Oliveira, 2011, p. 27). Por isso, compreendemos para além de um processo que seja simplesmente de um transmissor de conhecimento para um receptor, ao contrário, é um encontro que implica “numa alternância em que os sujeitos se refaçam e se reconstituam mutuamente” (Oliveira, 1996, p. 7).

Materiais e Métodos

Nossa pesquisa apresenta-se na esfera qualitativa e tem como pressuposto metodológico a cartografia de Gilles Deleuze (1925-1995), tendo em vista que a mesma tem características que observam o contexto e os processos de subjetivação, e neles incluídos a coeducação dos sujeitos envolvidos nos encontros considerando as significações produzidas mesmo porque o envelhecimento possui uma multiplicidade conforme acentua Beauvoir (1990), por isso, compreendemos que,

A cartografia se apresenta como valiosa ferramenta de investigação, exatamente para abarcar a complexidade, zona de indeterminação que a acompanha, colocando problemas, investigando o coletivo de forças em cada situação, esforçando-se para não se curvar aos dogmas reducionistas (ROMAGNOLI: 2009, p. 169)

Com isso podemos mapear “movimentos, relações, jogos de poder, enfrentamentos entre forças, lutas, jogos de verdade, enunciações, modos de objetivação, de subjetivação, de estetização de si mesmo, práticas de resistência e de liberdade” (Filho & Teti, 2013, p. 47). Nesse sentido, há o acompanhamento dos encontros e também das aulas da disciplina eletiva “Conviver é uma arte” que engloba o estudo do envelhecimento, a produção de relatos escritos, tendo em vista uma das professoras lecionar Português e também a produção artística, visto que a outra professora leciona Artes, e posteriormente aos encontros entre idosos e estudantes são produzidos relatos, que descrevem o momento do encontro na perspectiva dos alunos. Nossa observação, portanto, está focada tanto nos encontros como na análise dos relatos produzidos pelos alunos. A proposta deste estudo foi aprovada pelo Comitê

de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências e Letras de Assis (UNESP), com número CAAE 76923317.8.0000.5401.

A pesquisa iniciou-se em agosto de 2017 e encerrou-se em agosto de 2018, revelando que o processo de coeducação acontece de maneira potente neste encontro de gerações produzindo novos conhecimentos e saberes, mesmo porque “a interação entre as gerações desvela interesses, experiências e motivações que podem contribuir para os novos rumos a serem tomados” (Maltempi, 2009, p. 9). Por isso, verificamos o processo de coeducação sendo produzido com a possibilidade de olhar o outro como sujeito, dentro de suas concepções de mundo ainda que diferentes em seus desejos e interesses. Para os idosos é significativo verificar a construção de vínculos que ajudam a romper, para alguns, a solidão, o isolamento e o fantasma do abandono, conforme Borges & Magalhães (2011). Nos encontros com os estudantes, os mais velhos podem exercitar sua memória, uma fonte rica de saberes acumulados e significativa para a sociedade, segundo Bosi (1994), com a qual transmitem valores culturais e históricos que indicam como o presente foi pavimentado pela história destes e de muitos outros idosos e idosas que contribuíram para construção da sociedade. Em relação aos estudantes, verificamos o surgimento de um novo olhar, uma nova compreensão sobre envelhecimento, tendo em vista que a caracterização sobre o envelhecimento está associada à incapacidade do idoso, não só em relação a mobilidade, mas também a questão intelectual, em certa medida relacionada a uma infantilização da velhice.

Discussão e Resultados

Ao ler os relatos produzidos pelos estudantes encontramos expressões como “gostei muito dos velhinhos e fiquei comovida com a história deles”, o que demonstra uma certa surpresa com a história que foi ouvida e relatada. Outro relato demonstra que o encontro despertou a indignação com a situação dos idosos: “esse mundo precisa saber o que eles fazem, por que foram abandonados” e, com isso notamos que os idosos

Transmitem sua história pessoal e a história da comunidade, permitindo aos jovens conhecerem suas origens e se enraizarem em sua própria cultura. Conhecendo seu passado, os jovens entendem melhor o seu presente e projetam seu futuro de modo mais realista e promissor (FERRIGNO: 2006, p. 68).

Além do mais as crianças têm a oportunidade de transmitir aos idosos e idosas tanto a aproximação com as novas tecnologias quanto a possibilidade de interagir com o mundo de uma maneira mais flexível (Ferrigno, 2006, p. 68). É significativo registrar que este processo

(83) 3322.3222

contato@cneh.com.br

www.cneh.com.br

despertou nos alunos, além de uma nova visão sobre o envelhecimento, o desejo de ter um projeto de vida voltado para o cuidado de idosos e idosas e alguns alunos declararam que querem fazer o curso de psicologia, medicina ou enfermagem para poderem cuidar melhor dos idosos, sendo que para isso necessitam romper com uma série de dificuldades relacionadas a situação socioeconômica que vivem, ou seja, estudar em uma universidade também é um desafio para estes alunos de uma escola que fica na periferia da cidade com inúmeros casos de vivências de abandono, violência, gravidez precoce e envolvimento com o tráfico. Nesse sentido, procuramos desenvolver um trabalho junto aos estudantes de apresentar o campus onde fizemos nosso curso de graduação, levando informações de acesso sobre vestibular, sistema de cotas e de cursinho pré-vestibular.

Notamos, então, que o processo de coeducação acontece em diversos ambientes, baseado nos sujeitos que estão em constante movimento, sem verticalização do conhecimento, mas sim numa troca de saberes onde o outro propõe uma nova dimensão a ser conhecida e explorada conforme destaca Ferrigno (2010). Ao longo desse tempo de pesquisa, verificamos a reciprocidade entre os envolvidos no projeto, além de uma superação de expectativas na medida em que as impressões iniciais são ressignificadas, articulando e estabelecendo vínculos, que por sinal, indicam que a intergeracionalidade é possível e que abarca, mesmo com as possibilidades de conflito, a relação entre as gerações com suas particularidades e riquezas. Nesse sentido, nossa pesquisa constatou muito mais aproximações do que divergências entre os participantes. Nota-se que os alunos desenvolveram o respeito para com o idoso e isso refletiu-se no próprio convívio na escola de forma que a equipe gestora manifesta o desejo de que todos os alunos deveriam ter a experiência com a eletiva, indicando que os desdobramentos desta experiência intergeracional, no seu processo de coeducação, produziu para além das expectativas, podendo dizer que superou em muito as impressões iniciais.

Considerações finais

Concluimos que a coeducação tem sua pertinência no processo de intergeracionalidade porque proporciona troca de saberes e afetos tornando significativo cada encontro entre as diferentes gerações oferecendo, através dos vínculos, a superação das diferenças e também a valorização das pessoas resgatando sua dignidade e potencializando a sua existência, mesmo porque há o contato com a realidade que vivem e a possibilidade de transformá-la.

Compreendemos que o processo intergeracional rompe com o isolamento no qual os idosos tendem a permanecer no asilo, por isso, “o oposto do isolamento – ainda condição de

muitos velhos – é a integração, muito se fala da necessidade de integrar o idoso ao convívio social” (FERRIGNO: 2013, p. 86) e é nesse sentido que o encontro com jovens e crianças promove a valorização do idoso como sujeito que direciona suas ações e pensamentos além do que confere dignidade respeitando seu saber e a sua vontade.

Supomos que a facilidade com que os idosos criam vínculos tem a ver com a solidão e o medo do abandono, porque, segundo Borges & Magalhães (2011),

a ideia de igualdade na constituição dos vínculos intergeracionais se faz de forma inversa: pela possibilidade de identificação dos mais velhos com os mais jovens. É justamente quando o mais velho se mostra investido de atributos da juventude que ocorre a identificação intergeracional, processo que se efetua, muitas vezes, pela negação das diferenças que definem cada geração (p. 177).

Os idosos e idosas sentem-se participantes de um processo que envolve memória e história; para os alunos o processo de transformação de sua própria realidade para perceber e modificar para melhor a compreensão do envelhecimento e; para os estudantes de psicologia um olhar para além da clínica convencional. Por outro lado, há a relevância do tema que abre possibilidades para o aprofundamento da discussão sobre envelhecimento e os processos que o envolvem tendo em vista a necessidade de ampliação de políticas públicas que viabilizem aspectos da intergeracionalidade como instrumento de resgate e de fortalecimento da dignidade, porque produz cidadania, respeito, conscientização de direitos, novas possibilidades em relação ao futuro, um novo olhar sobre o outro, o encontro com o diferente, a aceitação, entre outros, o que nos faz refletir que a continuação da pesquisa é, por um lado, uma forma de resistência contra a desvalorização da vida e, por outro, de fortalecer a compreensão do envelhecimento sem os marcadores sociais depreciativos que envolvem este tema.

Referências

BEAUVOIR, S. *A velhice*. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 1990.

BRASIL. *Instituto de Pesquisa Econômica e Aplicada*. PNAD 2009 – Primeiras análises: tendências demográficas. Rio de Janeiro, 13 de outubro de 2010.

BORGES, Carolina de Campos & MAGALHÃES, Andrea Seixas. Laços intergeracionais no contexto contemporâneo. Natal, *Estudos de Psicologia*, pp. 171-177, maio/agosto 2011.

BORINI, M.L.O & CINTRA, F.A. Representações sociais da participação em atividades de lazer em grupos de terceira idade. In: Rev. Bras. Enfermagem, Brasília, v. 55, n .5, p . 568-574, set./out. 2002.

BOSI, E. Memória e Sociedade: lembrança dos velhos. São Paulo, Companhia das Letras, 1994.

DEBERT, Guita Grin. A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimenrto. São Paulo, Editora Universidade de São Paulo, FAPESP, 2004.

FERRIGNO, José Carlos. Conflito e cooperação entre gerações. São Paulo, Edições SESC, 2013.

FERRIGNO, José Carlos. A Co-educação entre gerações. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*. São Paulo, v.20, p.67-69, set. 2006. Suplemento n.5.

FERRIGNO, José Carlos. *Coeducação entre gerações*. São Paulo, Edições SESC, 2010.

FILHO, K. P. & TETI, M. M. A cartografia como método para as ciências humanas e sociais. In: *Barbarói*, Santa Cruz do Sul, n.38, p.<45-59>, jan./jun. 2013

FRANÇA, Lúcia Helena Freitas; SILVA, Alcina Maria Testa Braz da; BARRETO, Márcia Simão Linhares. Programas intergeracionais: quão relevantes eles podem ser para a sociedade brasileira? Rio de Janeiro, *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 2010, p. 519-531.

GOFFMAN, Irwin. *Manicômios, prisões e conventos*. São Paulo, Editora Perspectiva, 1974.

MALTEMPI, M. A. C. S. Co-educação: uma proposta intergeracional. *ETIC - ENCONTRO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA* - ISSN 21-76-8498, América do Norte, 28 07 2009.

OLIVEIRA, Paulo de Salles. *Vidas compartilhadas: cultura e relações intergeracionais na vida cotidiana*. São Paulo, Cortez, 2011.

OLIVEIRA, Paulo Salles. Universidade aberta e co-educação de gerações. In: *A terceira idade*. Cadernos SESC, ANO IX, n. 12, agosto de 1996.

PASINATO, M. T. & CAMARO, A. A. O envelhecimento populacional na agenda das políticas públicas. In: CAMARANO, A. A (org). *Os novos idosos brasileiros: muito além dos 60?* Rio de Janeiro, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, 2004.

ROMAGNOLI, R. C. A cartografia e a relação pesquisa e vida. In: *Psicologia e Sociedade*, Porto Alegre, 21 (2), 166-173, 2009.